

(2006) **FRANCES DABNEY, SAUDADES. HORTA, AÇORES / FALL RIVER, MA, DIRECÇÃO REGIONAL DAS COMUNIDADES / LUSO CENTRO BRISTOL COMMUNITY COLLEGE** [TRADUÇÃO DE JOSÉ FRANCISCO COSTA].

Onésimo Teotónio Almeida – Brown University – Department of Portuguese and Brazilian Studies – Box 0 – Providence, Rhode Island 02912 – U.S.A..

Falar de tradução sem repetir clichês é difícil, se não impossível. Então lembro o *traduttore-traditore* que funciona no original italiano mas claudica em português porque dizer *tradutor-traidor* é menos eficaz e bonito. Um outro lugar comum outrora aceitável é hoje politicamente incorrecto; comparar uma tradução a uma mulher soa a grosseiro. Mas lá vai, se se lembram dos tempos em que se poderia impunemente dizer estas coisas (e arrisco contá-lo contra o aviso sensato da minha cara-metade): as traduções são como as mulheres: as fiéis, são feias; as bonitas são infiéis. Passe o inconveniente atrevido, deveras obsoleto, e fixe-se a verdade crua: não há modo de se conseguir uma boa tradução. Obtêm-se apenas um arranjo que pode ser melhor ou pior. Uma tradução exige um recriar-se da obra na língua para que se traduz e, ou nos agarramos muito ao original para lhe sermos próximos do sentido, mas a forma sofrerá, ou nos esmeramos na forma e o sentido ficará deficiente. Por isso nunca há uma tradução definitiva. É sempre possível melhorar. Ou variar, agarrar outro registo.

Pessoalmente, nunca gostei de fazer traduções, nem do que eu próprio escrevo noutra língua, se bem que toda a vida tenha lido traduções. Mas gostos são algo muito individual. A minha mulher, por exemplo, gosta especialmente de traduzir e o José Francisco Costa também é uma dessas raras pessoas que têm prazer nessa actividade. Desde os nossos verdes anos em comum no Seminário de Angra lhe conheci essa inclinação. Ele gostava de fazer traduções de latim. Já pensaram? Gostar de fazer traduções de latim?! Imaginem a estopada que aquilo era porque não se tratava de traduzir apenas frases como *Galia est divisa in partes tres*. O José Costa adorava fazê-las e pronto! Não se importava de passá-las aos colegas, cábulas ou preguiçosos, ou a outros que preferiam entregar-se a diferentes trabalhos e leituras.

Bem cedo, como vêem, o José Costa revelou esse talento. Tem-no usado pela vida fora, como por exemplo na tradução de um longo poema do grande poeta americano James Merrill, *The Summer People*, esse sim, a exigir uma enorme criatividade da parte

do tradutor de modo a poder recriar na nossa língua o universo que o leitor inglês pode contemplar.

Agora, com mais este trabalho, o *Saudades*, de Frances Dabney, estamos perante outra prova da vocação e talento do nosso tradutor. Escrito o original inglês por uma jovem da família Dabney nascida no Faial (1856), ilha onde viveu até aos 18 anos, altura em que veio com a família para os Estados Unidos, esteve inédito até ir parar às mãos de Arthur Lothrop, professor de Inglês no Bristol Community College, em Fall River, Massachusetts.

Curiosamente, *Saudades* é uma edição bilingue, mas surge com apenas um título. Por ser intraduzível, a autora usou a palavra *saudade* para intitular o original inglês. Naturalmente que na edição portuguesa o título teria de ser esse também.

Simbólico, diga-se. Porque a grande regra de uma tradução é o leitor lê-la sem se aperceber de que de uma tradução se trata. O texto deve fluir como se fosse originalmente escrito na língua que se está a ler. E, na verdade, é exactamente a sensação que se tem quando se confronta com este trabalho: não se sente qualquer costura, nervo ou nó, porque tudo desliza suavemente como sobre veludo. Não há uma aresta, uma passagem mais tosca ou menos limada. Quem conhece a escrita de José Francisco

Costa, a dos seus contos sobretudo, apercebe-se de que afinal o tradutor está em casa como se a falar do seu mundo na sua própria escrita. E, no entanto, a voz é a de Frances Dabney, que viveu e amou o Faial da sua adolescência. Aí, deve ter ajudado muito o facto de o tradutor ser ilhéu, açoriano de muitos anos, conhecedor profundo desse universo, pois isso permitiu-lhe identificar-se em pleno com a sensibilidade da autora ao falar desse seu mundo perdido.

Em boa hora a Direcção Regional das Comunidades decidiu editar este livro, e a sua tradução, até aqui apenas publicada em revista, a *Gávea-Brown* (pormenor que esqueceu registar no volume) porque assim tanto portugueses como americanos poderão ter o prazer de viajar pelo mundo que a Frances Dabney deixou no mar e que, por sinal, parece bem mais próximo daquele que a maioria de nós conheceu nos nossos anos de Açores do que o que hoje lá se vive. Os felizardos bilingues poderão ter neste livro de um só título o duplo prazer de o saborear em duas línguas, em duas versões como se fossem dois originais. Dennis the Menace disse que um bilingue é aquele que pode dizer a mesma coisa duas vezes e a gente só entende uma. Deste livro se pode também dizer que se pode ler em duas línguas e um bilingue só captará uma porque a fidelidade da

tradução no fundo e na forma remetem o leitor para o mesmíssimo universo: o Faial e os Açores de Frances Dabney e dele, José Costa.

Se com todos estes encómios não convenci o leitor a experimentar a

leitura de *Saudades*, falece-me então a arte de persuadir, a mim que prefiro sempre o verbo nítido e a frase ainda mais clara. ONÉSIMO TEOTÓNIO

ALMEIDA